

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

LAYNE GRAZIELLI DOS SANTOS MAURICIO

**O INGRESSO DO REPÓRTER NO JORNALISMO INVESTIGATIVO: O CASO DO
PROFISSÃO REPÓRTER**

Ribeirão Preto

2021

LAYNE GRAZIELLI DOS SANTOS MAURICIO

**O INGRESSO DO REPÓRTER NO JORNALISMO INVESTIGATIVO: O CASO DO
PROFISSÃO REPÓRTER**

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Me. Belisa Brião Figueiró.

Ribeirão Preto

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

M414i

Mauricio, Layne Grazielli dos Santos

O ingresso do repórter no jornalismo investigativo: o caso do Profissão Repórter/ Layne Grazielli dos Santos Mauricio - Ribeirão Preto, 2021.

46p.il

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social Hab. Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Belisa Brião Figueiró

1. Jornalismo investigativo 2. Podcast 3. Profissão Repórter I. Figueiró, Belisa Brião II. Título

CDU 070

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

LAYNE GRAZIELLI DOS SANTOS MAURICIO

**O INGRESSO DO REPÓRTER NO JORNALISMO INVESTIGATIVO: O CASO DO
PROFISSÃO REPÓRTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
de Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de
bacharel.

Data de aprovação: 24/11/2021

BANCA EXAMINADORA

Me. Belisa Brião Figueiró
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Carmen Sílvia Porto Brunialti Justo
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Susana Berbert de Souza
Repórter EPTV – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto
2021**

Aos meus pais, por me ajudarem a
realizar este sonho.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado sabedoria e por me permitir chegar até aqui.

À minha mãe Vanilda Ferreira dos Santos Mauricio, por nunca ter desistido de mim.

Ao meu pai Emerson Marcelo Mauricio, por me ensinar a nunca desistir dos meus sonhos.

Às minhas colegas Jamiele Cavalcante, Luana de Carmargos Pena e Vitória Crislaine Pierri, sem vocês nada disso seria possível.

À minha orientadora Prof.^a Belisa Brião Figueiró, por toda a paciência, suporte, incentivo e por acreditar na realização deste trabalho.

“Jornalismo é, antes de tudo, um exercício de humildade que começa pelo prazer em conversar com os anônimos, os esquecidos, os excluídos, aqueles que quase sempre nos trazem grandes histórias. Sem eles, nada somos.”

(Roberto Cabrini)

RESUMO

Este trabalho teve o objetivo de entender o início da carreira de jovens repórteres no jornalismo investigativo, com base no programa *Profissão Repórter*, da *Rede Globo*, por meio da produção de um podcast. Para isso, utilizamos o método de pesquisa experimental, sendo uma das técnicas a revisão bibliográfica. Dessa forma, entrevistamos repórteres, cinegrafistas e a chefe de reportagem do programa a fim de saber quais as maiores dificuldades dos jovens jornalistas em produzir matérias, como foi o começo deles trabalhando com o formato investigativo e como funciona a produção do programa. Entrevistamos também o jornalista, João Carlos Borda que falou sobre a importância do jornalismo investigativo e sua experiência na carreira. A escolha do tema jornalismo investigativo se deu pela importância do formato integrar todas as editorias de um jornal, onde sua principal função é apurar e divulgar informações que sejam de interesse público, trabalho que é desempenhado pelo repórter investigativo. Para embasamento do nosso produto desenvolvemos este relatório de três capítulos: no primeiro capítulo, abordamos sobre origem e características do podcast e sua relação com o radiojornalismo. No segundo capítulo, introduzimos o jornalismo investigativo, suas diferenças como gênero jornalístico e importância. Já o terceiro capítulo traz o roteiro do *Podinvestigar* com as perguntas para os entrevistados.

Palavras-chave: Jornalismo Investigativo. Jornalismo. Podcast. Profissão Repórter. TV Globo.

ABSTRACT

This work aimed to understand the beginning of the career of young reporters in investigative journalism, based on the program *Profissão Repórter*, on *Rede Globo*, through the production of a podcast. For this, we used the experimental research method, and one of the techniques being the literature review. Thus, we interviewed reporters, cameramen and the program's chief reporting officer in order to find out what the greatest difficulties faced by young journalists in producing stories, how they started working with the investigative format, and how the program's production works. We also interviewed the journalist João Carlos Borda, who spoke about the importance of investigative journalism and his career experience. The investigative journalism was chosen because of this importance of the format integrating all the editorials of a newspaper, where its main function is to gather and disseminate information that is of public interest, a work performed by the investigative reporter. To support our product, we developed this report in three chapters: in the first chapter, we discuss the origin and characteristics of the podcast and its relationship with radio journalism. In the second chapter, we introduce investigative journalism, its differences as journalistic genre and importance. The third chapter brings the script for *Podinvestigar* with questions for the interviewees.

Keywords: Investigative Journalism. Journalism. Podcast. Profissão Repórter. TV Globo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O PAPEL DO PODCAST, A MÍDIA ATUAL	13
2.1	Rádio, radiojornalismo e o podcast.....	16
3	O JORNALISMO INVESTIGATIVO E O SURGIMENTO DO PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER	21
3.1	Abraji.....	23
3.2	O programa Profissão Repórter: do início aos dias atuais	24
4	ROTEIROS	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXO A – Autorização entrevista João Carlos Borda.....	41
	ANEXO B – Autorização entrevista Márcia Pereira Gonçalves	42
	ANEXO C – Autorização entrevista Mayara Silva das Neves Teixeira	43
	ANEXO D – Autorização entrevista Nathalia Tavolieri de Oliveira Prates	44
	ANEXO E – Autorização entrevista Eliane Scardovelli Pereira	45
	ANEXO F – Autorização entrevista Guilherme Belarmino	46

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nossa referência jornalística foi o *Profissão Repórter*, da *Rede Globo*, já que o objetivo do programa é formar uma equipe de jovens em início de carreira, que vai às ruas para mostrar diferentes ângulos de uma mesma notícia. Assim, para cada repórter, uma missão a cumprir, passando por todas as etapas de uma reportagem, sendo responsáveis pela apuração, produção e gravação. A experiência acontece nas ruas, na apuração de cada história e dificuldades diárias. Um formato e uma rotina de produção original, em que o foco está nas histórias de vida dos protagonistas do cotidiano; revelando ao próprio telespectador, como o slogan do programa diz: “Os bastidores da notícia e os desafios da reportagem”.

Para isso, produzimos um podcast intitulado *Podinvestigar*, cujo tema é “O ingresso do repórter no Jornalismo: o caso do *Profissão Repórter*. Escolhemos analisar esse programa por sua relevância na história do jornalismo. O *Profissão Repórter* é um programa que mostra problemas pertinentes, e de grande relevância no cotidiano da sociedade brasileira. Suas reportagens trazem originalidade, mostrando toda a produção por trás das câmeras, no qual o telespectador consegue ver o trabalho da produção, para trazer os diversos ângulos de uma mesma notícia, e tudo com um único objetivo, mostrar o que é real.

A importância desse tema advém de como jovens repórteres trabalham ao lado do experiente jornalista Caco Barcellos e mostram não só as notícias, mas também a forma de construí-las. Neste trabalho, demonstramos que o *Profissão Repórter* funciona como uma verdadeira escola para os jovens repórteres que fazem parte do programa e como essa experiência é importante para a carreira jornalística deles.

Fizemos desse trabalho um produto inédito de informação, já que não identificamos nenhum podcast sobre esse assunto. Dessa forma, produzimos o *Podinvestigar*, um podcast que conta com três episódios de 7 a 16 minutos cada um. Utilizamos o método de pesquisa experimental e uma das técnicas utilizadas foi a revisão bibliográfica. Fizemos também um levantamento sobre trabalhos acadêmicos que já trataram sobre o presente tema, mapeando os estudos do jornalismo investigativo no Brasil. Ao mesmo tempo, nos debruçamos na bibliografia referente à produção de um podcast para a elaboração do nosso projeto experimental.

Para execução do projeto, utilizamos a pesquisa exploratória. Assim, entramos em contato com os repórteres e a chefe de reportagem do programa *Profissão Repórter*. Em seguida, enviamos as perguntas para essa equipe por meio de áudios gravados pelo aplicativo WhatsApp, como, repórteres, cinegrafistas, e a chefe de reportagem. Também entrevistamos o jornalista João Carlos Borda, que nos deu detalhes sobre o que é o jornalismo investigativo.

O objetivo das entrevistas era saber como funcionam as reuniões de pauta, a apuração nas ruas mostrando os bastidores das reportagens, e o cronograma do programa. Além disso, como são feitas a escolha dos temas que são abordados e as edições das reportagens.

Tendo isso em vista, foi possível analisar o tema proposto e compreender de maneira mais aprofundada como se faz o jornalismo investigativo dentro da maior emissora de televisão do Brasil.

2 O PAPEL DO PODCAST, A MÍDIA ATUAL

Segundo Bruck e Costa (2016, p. 284), a principal função do podcast é disponibilizar conteúdos de vários formatos para diferentes meios e plataformas digitais. O podcast atualmente está ligado a conteúdos sonoros “sendo considerado a junção do rádio tradicional com as possibilidades de difusão de conteúdo da internet”.

Pode-se afirmar que o termo podcast alude hoje a uma alargada significação de produtos, suportes e formas de distribuição, mas cada vez mais associado a produtos acústicos. O nome traz em si ambiguidades no que diz respeito às definições que estabelece, pois pode significar os conteúdos em si (programas), modos de circulação (como é distribuído) e o gênero e formas que os desenham (BRUK; COSTA, 2016, p. 4).

De acordo com Javorski (2017, p. 239), o termo podcast é resultado da junção de duas palavras, *Ipod* (reprodutor MP3 desenvolvido pela Apple) e *broadcast*, termo em inglês que significa “transmissão”. Ainda segundo a autora, o podcast surgiu inicialmente em 2004.

Essa tecnologia foi inicialmente experimentada pelo ex-VJ da MTV americana Adam Curry e pelo programador Dave Winer, em 2004, para que o público pudesse descarregar arquivos digitais em seus Ipods e utiliza-los de forma assíncrona, desvinculando os tempos de emissão e de recepção. Com isso a audiência adquiriria liberdade e flexibilidade de acesso aos conteúdos (JAVORSKI, 2017, p. 239).

Javorski (2017) afirma que existem três modelos de poscast: modelo metáfora, “é semelhante a um programa tradicional de rádio hertziano, com elementos como locutores, músicas, vinhetas e entrevistas e com linguagem e discurso radiofônico”; o modelo editado da grade, “utilizado pelas emissoras quando elas editam, em forma de podcast, parte de sua programação que foi ao ar” e por último o modelo registro, “semelhante ao audioblog, é um blog em formato de áudio disponibilizado em sites pessoais ou coletivos” (JAVORSKI, 2017, p. 242).

O “podcast” é um arquivo de áudio digital que pode ser gravado por qualquer pessoa e disponibilizado na internet, por meio de blogs e sistemas desenvolvidos especialmente para transmiti-lo a um grupo de assinantes. (Imagine um blog que avisasse ao leitor sobre cada atualização feita pelo autor; é essa a ideia, só que com as informações gravadas em áudio) (ASSIS, 2005 *apud* ANJOS, 2020, p. 17).

Segundo os autores Luiz e Assis (2010), devido à grande quantidade de aparelhos que reproduziam áudio no formato MP3, foram surgindo várias ideias de como automatizar o acesso ao conteúdo de audioblogs e outros programas de áudio. De acordo com os autores, o método que obteve mais sucesso foi a possibilidade do download automático através de programas ou aplicativos, onde se utilizava uma tecnologia que já era aplicada aos blogs, o chamado feed RSS *Really Simple Syndication*.

O RSS é uma maneira de relacionar o conteúdo de um blog de forma que seja entendido pelos agregadores de conteúdo. Isso é possibilitado através dos chamados “feeds”, que trazem o conteúdo do blog codificado de maneira que esses programas compreendam e possam apresentar as atualizações automaticamente para os usuários que cadastraram o feed de seus blogs preferidos. Com isso, o usuário recebe cada novo conteúdo automaticamente, não precisando mais visitar cada site para ver se já foi atualizado. (ASSIS; LUIZ, 2010, p. 2-3).

Com o avanço tecnológico, vários outros “agregadores” começaram a fazer automaticamente o download de arquivos de áudio. O sistema foi chamado de *podcasting*, nome sugerido em fevereiro de 2004 por Ben Hammersley, no jornal *The Guardian* (ASSIS; LUIZ, 2010).

Foschini e Taddei (2006 *apud* SILVA, 2018, p. 137,) destacam que o uso do feed RSS diminui a circulação de informações pela rede, o que facilita a distribuição dos arquivos. Além disso, outra qualidade positiva é que o RSS permite um apreço ao que é de interesse do consumidor de conteúdo, pois o sistema disponibiliza ao usuário a “assinatura” exclusivamente do que se considera relevante, o RSS faz o download automaticamente. “Existem também diversos aplicativos para smartphones específicos para agregar os podcasts e que permitem tanto o download automático quanto a reprodução em streaming” (SILVA, 2018, p.137).

No Brasil a produção de *podcasts* começou no mesmo ano, em 2004. De acordo com os autores Luiz e Assis (2010), o primeiro podcast foi o *Digital Minds*, criado por Danilo Medeiros e iniciado no dia 20 de outubro.

O programa surgiu a partir do blog homônimo, devido ao desejo do autor em se diferenciar dos blogs que existiam então. Embora vários blogs brasileiros publicassem arquivos de áudio, esses arquivos não se

caracterizavam como podcast pela impossibilidade de se assinar o programa via RSS. (ASSIS; LUIZ, 2010. p. 3-4)

Segundo Vanassi (2007 *apud* LUIZ; ASSIS, 2010, p. 6) uma das características que o *Podcasting* apresenta é a produção. Para se produzir um podcast é simples, não é necessário investir muito dinheiro e nem ter conhecimentos técnicos avançados. Para se produzir um podcast, precisa ter um bom computador equipado com microfone, fones de ouvido e placa de áudio que tenha uma boa capacidade para gravação e reprodução de sons. Assim o usuário captura um áudio e cria também um arquivo de som para ser disponibilizado na internet.

Outra característica do *podcasting* são os tipos de arquivo. Para se publicar podcasts na rede, os arquivos de áudio dos programas não podem ser muito grandes (em volume de dados), pois os ouvintes precisam copiá-los para seus computadores e nem todos contam com conexões suficientemente rápidas para fazer downloads longos em um período de tempo aceitável. Para resolver essa questão, foram criados mecanismos de compressão de dados que reduzem o tamanho dos arquivos de áudio. Esses mecanismos geram arquivos comprimidos, com menor volume de dados, sem afetar muito a qualidade dos sons. O formato de arquivo mais comum encontrado nos podcasts é o MP3, que é um arquivo comumente lido e reconhecido pela maioria dos tocadores portáteis de áudio, ou MP3 players. (ASSIS; LUIZ, 2010. p. 6)

O podcast atualmente é transmitido através de plataformas digitais, como redes sociais, streaming e YouTube. O formato permite aos telespectadores uma forma diferenciada de consumir a informação, onde não há um tempo estipulado, podendo levar horas. O público jovem geralmente é quem mais consome o formato. Hoje transmitido ao vivo pelo YouTube, os convidados são livres para expor suas opiniões sem censura pré-determinada. O formato – que pode ser considerado informal – tem conquistado grande audiência e chama cada vez mais a atenção de produtores de conteúdo.

Primo (2005) pontua, por exemplo, que enquanto nem todos podem ter uma rádio, qualquer pessoa com acesso à informática pode produzir um podcast, com o mínimo de recursos. Essa consideração merece atenção, uma vez que o podcast tanto pode ser produzido por uma única pessoa com um microfone em mãos, quanto por grandes corporações que o incluem em seu rol de produtos midiáticos. Ao contrário do que ocorre no rádio, a distribuição não se restringe à localidade, mas torna-se global, conquanto haja inclusão digital. A flexibilidade de tempo, a liberdade na linguagem e a divisão por episódios também devem ser destacadas. (FALCÃO; TEMER, 2019. p. 4)

De acordo com Medeiros (2005) o *Podcasting* é uma mídia recente na Internet e cabe a nós, ouvintes, observarmos sua evolução como uma nova tecnologia de transmissão sonora que tem um potencial fortíssimo dentro da área das novas mídias.

O *Podcasting* ainda será considerado uma rádio via Internet, já que não existe uma definição mais contundente para classificar esse tipo de transmissão sonora digital. Mas vale ressaltar que da mesma forma que consideramos o *Podcasting* como rádio, estaremos também considerando como rádio as transmissões de músicas que são baixadas para os celulares de terceira geração em formato MP3, como também os “ringtones” neste formato. (MEDEIROS, 2005, p. 8)

Afinal, o podcast pode ser considerado uma continuação do rádio? O podcast é um formato inovador, no entanto, não substituirá os conteúdos de uma rádio, onde a maioria dos programas é transmitido ao vivo. Além disso, a rapidez com que as informações são passadas aos ouvintes e a capacidade de informar o público sobre um assunto cotidiano não importando onde o ouvinte esteja, são características exclusivas do rádio. Porém a informação está cada vez mais presente na internet. Atualmente é possível encontrar podcasts sobre qualquer assunto.

De acordo com a autora Javorski (2017, p. 241), os podcasts "podem ser educativos, utilizados por canais de educação à distância e cursos de idiomas; jornalísticos, utilizados como guias de turismo; e até mesmo celebrações e cultos religiosos”.

2.1 Rádio, radiojornalismo e o podcast

Para Silva (2018), pelo fato de o podcast ser uma mídia sonora, a primeira coisa que fazemos é comparar e definir o podcast como um tipo de programa de rádio acessível pela internet. Mas, segundo a autora, esse pensamento é usado de maneira incorreta, considerando que tanto o rádio quanto o podcast são mídias executadas e compartilhadas de maneiras distintas, não necessariamente uma tem ligação com a outra. “Em suma caracteriza-se o podcast como um meio sonoro e não radiofônico” (SILVA, 2018, p.138).

Silva ressalta ainda que a diferença entre ambas as mídias se dá principalmente pela emissão. Vanassi (2007, p.51 apud SILVA, 2018, p.138) destaca que “o modelo de comunicação apresentado pelo rádio é baseado em emissões

lineares, de um veículo para sua audiência, sem a busca efetiva de um diálogo entre as duas partes”.

De acordo com Medeiros (2005, p. 6) o surgimento da televisão fez com que o rádio não ganhasse tanta atenção, pois a imagem que antes era formada somente através da imaginação do ouvinte passou a se tornar algo real, e não apenas ouvida. Surge então a tecnologia de transmissão em FM, cujo objetivo era melhorar a qualidade de som do rádio, para as pessoas que moravam distantes dos centros urbanos e que não possuíam a luz elétrica.

Criado a partir de experiências de transmissão eletromagnética, o rádio nasceu analógico e rapidamente se destacou como um veículo de massa, chegando a estar em evidência durante os anos 40, na chamada “época de ouro” do rádio (MEDEIROS, 2005, p. 6)

Com a invenção do transistor, tudo começa a ficar mais fácil, o rádio então se torna portátil e funciona por baterias. Já com a digitalização, o rádio tomou um novo rumo, “rompendo com a estagnação e obsolescência tecnológica na qual se encontrava perante os demais meios de comunicação” (MEDEIROS, 2005, p. 7).

Em meio aos avanços tecnológicos, a Internet finalmente apareceu e atualmente ela é responsável por muitas emissoras de rádio que são disponibilizadas através da Web.

Hoje, a Internet abriga milhares de emissoras de rádio, sendo muitas criadas na própria Web, e outras, extensões virtuais de emissoras “físicas”, ou seja, as rádios que transmitem de modo convencional através de ondas hertzianas. Isso só foi possível devido ao aparecimento do RealPlayer, um software de áudio que permitiu a transmissão de áudio via Internet em tempo real. (MEDEIROS, 2005, p. 7)

Segundo os autores Ferraz e Gambaro (2020, p.157), no Brasil, o desenvolvimento do radiojornalismo se deu em seus anos iniciais, com o formato noticioso e mais tarde com o factual e a prestação de serviços. Ainda segundo os autores, “costuma ser destacado o *Repórter Esso*, na *Rádio Nacional*, criado para transmitir notícias internacionais em função da 2ª Guerra Mundial e conectar um Brasil em desenvolvimento ao restante do mundo”.

Ainda segundo os autores, o desenvolvimento dos podcasts jornalísticos em meados do século 21 tem uma relação histórica com os formatos e métodos do

radiojornalismo. As formas mais atualizadas de consumo dos meios de comunicação de massa, como o rádio, usam o mesmo conteúdo sonoro e a mesma forma de linguagem e de produção. No entanto, os podcasts, por possuírem um modelo parecido com o rádio na distribuição de conteúdo, proporcionam novas experiências para os receptores da mensagem, que por sua vez permitem o uso mais variado de uma abundância de recursos de linguagem (FERRAZ; GAMBARO, 2020). Ou seja, o podcast, mesmo sendo atualmente considerado uma nova mídia, suas raízes vieram do rádio. A nova mídia tem a proposta de levar aos ouvintes informações mais aprofundadas sobre vários assuntos, já o rádio é mais objetivo.

Partindo do ponto de vista de Ferraz e Gambaro (2020), a audiência do rádio vem caindo desde 2004, já o podcast, mesmo considerado uma mídia que ainda está começando a se desenvolver, tem conquistado seu espaço de forma positiva. Ainda segundo os autores, “em países cuja indústria radiofônica e o acesso à internet são melhor consolidados, os números sobre acesso e consumo de podcast são promissores” (FERRAZ; GAMBARO, 2020). Em vista disso, um estudo que foi “realizado em julho de 2019 analisou respostas do Brasil, França e Alemanha, entre ouvintes de podcast em geral. A média de crescimento de uso do Brasil ficou 17% acima da soma entre os três países, que foi de 50%” (ANJOS, 2020, p. 28).

O *Spotify* ainda destaca que os gêneros de podcast mais ouvidos no *Spotify Brasil* são: sociedade e cultura, comédia, educação, TV e filmes, notícias, negócios, música, religião e espiritualidade, lazer e esportes. Além de pesquisas do *Spotify*, a *Deezer*, que é outra plataforma de streaming e agregadora de podcasts, aponta que o consumo de podcast subiu 67% no Brasil em apenas um ano, além disso, o estudo também apontou que 25% do público ouve mais de uma hora de podcast por dia. (ANJOS, 2020, p. 27).

Além das propagandas divulgadas no rádio, o veículo de comunicação é responsável também por deixar os ouvintes bem informados, trazendo fontes noticiosas e jornalísticas. Neste sentido, os podcasts jornalísticos praticamente exercem a mesma função do rádio, porém são transmitidos via internet. Ferraz e Gambaro afirmam que “podcast jornalístico é uma expressão na qual cabem várias formas de fazer jornalístico com origens radiofônicas” (FERRAZ; GAMBARO, 2020, p. 166).

A forma mais comum do podcast jornalístico está, então, entre essa continuidade do residual e essa disputa travada pelas formas

dominantes, reproduzidas exaustivamente nos podcasts das estações de rádio ou dos independentes com pouca referência inovadora (FERRAZ; GAMBARO, 2020, p. 169).

O *Café da Manhã*, da *Folha de S. Paulo* e *O Assunto*, do *G1* são exemplos de podcasts jornalísticos. Em geral podcasts no formato jornalístico abordam os assuntos que estão mais em alta, nos veículos de comunicação como a TV e o rádio, de uma forma mais ampla, os podcasts jornalísticos contam com a presença de especialista que são entrevistados.

O *Assunto* estreou em 26 de agosto de 2019 e, antes mesmo do ano acabar, o programa já aparecia como o mais baixado do Brasil. Em janeiro de 2020, o programa completou 100 edições e em abril de 2020, já contava com 166 episódios, no fim do mês de maio, o número de episódios subiu para 194. De acordo com o *G1*, a primeira centena de episódios acumulou mais de 37 horas de informação, de conhecimento e de fatos analisados por ângulos diferentes. O podcast conta com notícias do dia a dia e o tempo médio de cada programa é de 20 a 25 minutos (ANJOS, 2020, p. 29).

A grande maioria de podcasts trabalham com o entretenimento, transmitidos pelo YouTube. *Flow podcast* e o *À Deriva podcast* são exemplos de entretenimento, eles entrevistam convidados variados como: gamers, músicos, atores, youtubers e influencers, as entrevistas são transmitidas ao vivo.

E assim, como no rádio, existem podcasts jornalísticos e noticiosos, feitos por profissionais da comunicação, assim como também existem os podcasts de entretenimento, como é o caso do primeiro podcast brasileiro, o *Digital Minds*, feito por Danilo Medeiros e que trazia conteúdos sobre tecnologia em geral. Logo depois, estreou o *Nerdcast*, que até hoje é muito popular nas plataformas de streamings. O programa foi criado por Alexandre Ottoni e traz episódios de temas variados, como atualidades, cinema, história, ciência, tecnologia e até conteúdos sobre finanças (ANJOS, 2020, p. 17).

O autor McLuhan (1964 *apud* FALCÃO; TEMER, 2019, p. 3) “defende que os novos meios surgem justamente para preencher lacunas e suprir necessidades das pessoas.” Ou seja, a tecnologia surgiu como um meio de satisfazer os vazios existentes no ser humano. Para os autores, o podcast é uma nova mídia. “Considerando o conceito do autor de que o meio é a mensagem, e de que qualquer mensagem é, na verdade, a mudança que ela provoca nas coisas humanas, podemos considerar o podcast como um novo meio” (FALCÃO; TEMER, 2019, p. 3).

Já de acordo com o autor Marcello Medeiros (2005), só teremos uma ideia mais real dos resultados que o *Podcasting* trará com os avanços tecnológicos com a continuação da divulgação desta nova mídia.

Levando em consideração esse cenário e tais tendências para o jornalismo, o meu grupo optou por realizar um podcast a respeito do início da carreira de jovens repórteres no jornalismo investigativo, com base no caso do programa *Profissão Repórter*, da emissora *Rede Globo*, pois o programa mostra os desafios que jovens repórteres encontram em produzir reportagens. Produzimos uma série com três episódios de podcast, com duração entre 7 e 16 minutos. Em um dos podcast entrevistamos o jornalista João Carlos Borda, que falou sobre a importância do jornalismo investigativo. Contamos também com entrevistas de pessoas que trabalham no *Profissão Repórter*, incluindo Repórteres, cinegrafistas, e a chefe de reportagem. Buscamos entender com essas entrevistas como funciona a produção do Programa *Profissão Repórter* e quais as maiores dificuldades os repórteres encontram em produzir reportagens.

Nosso objetivo era compreender melhor como foi produzido o programa *Profissão Repórter* a partir de depoimentos de pessoas que trabalham no programa. Além disso demonstramos que o programa funciona como uma escola para jovens que estão iniciando a carreira e querem seguir com o formato investigativo.

3 O JORNALISMO INVESTIGATIVO E O SURGIMENTO DO PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER

O chamado jornalismo investigativo é o responsável por mostrar de forma clara e transparente assuntos que são ocultos da sociedade, seja por parte do governo, instituições ou de pessoas. Este formato se baseia em fontes e documentos. Não existe jornalismo investigativo se não houver provas concretas sobre determinado fato. O jornalista Roberto Cabrini que atualmente trabalha na *Rede Record*, em entrevista a um canal do *Youtube* chamado *TV Facoop Online*, disse que “o jornalismo investigativo é a busca incessante de provas, jamais de perseguição”. Ainda segundo Cabrini, o jornalismo investigativo “é aquele que caminha paralelamente aos órgãos oficiais, sem isso não tem democracia”.

Jornalismo investigativo (ou de investigação) refere-se à prática de reportagem especializada em desvendar mistérios e fatos ocultos do conhecimento público, especialmente crimes e casos de corrupção, que podem eventualmente virar notícia. Em muitos casos, os jornalistas investigativos são questionados sobre os métodos utilizados na prática profissional (OLIVEIRA, 2017, p.14).

O repórter é o principal agente para a produção de uma matéria investigativa bem produzida, afinal é ele quem busca dados, documentos, entrevistas e fontes. Podemos dizer que preguiça e jornalismo não podem andar juntos. Ainda sobre as características do formato investigativo, o “furo”, que é um jargão jornalístico utilizado para quando se consegue publicar notícias em primeira mão, na maioria das vezes é resultado do trabalho do jornalista investigativo. (OLIVEIRA, 2017).

Penso que jornalismo que não ajuda a melhorar a vida das pessoas é um jornalismo inútil, sem alma, irrelevante, condenado ao rápido esquecimento. Não basta só informar. É preciso ir além, ter sentido de justiça por meio da conscientização das pessoas. Não podemos cair na armadilha de tentar fazer os outros pensarem como nós. O lado mais nobre de ser repórter é o de passar informações isentas para que, munidas delas as pessoas possam tomar decisões mais sábias (CABRINI, 2019, p. 297).

Oliveira (2017) enfatiza que ainda existem discussões a respeito da especialização na área de jornalista investigativo, já que muitos jornalistas acreditam que toda reportagem é investigativa, pois todas têm características em comum, como por exemplo apuração dos fatos, imparcialidade, edição e divulgação.

Um dos defensores dessa linha de pensamento é o escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez, que no dia 7 de outubro de 1966 fez uma declaração na 52ª Assembleia da Sociedade Interamericana de Imprensa, em Los Angeles, dizendo que “*la investigación no es una especialidad del oficio, sino que todo periodismo tiene que ser investigativo por definición...*” (SEQUEIRA, 2005, p. 15)¹.

Roberto Cabrini, um dos mais respeitados repórteres televisivos, tem uma longa experiência com o formato investigativo e define essa função da seguinte forma:

Em tese, todo jornalismo deveria ser investigativo, porém existem tantos exemplos de jornalismo oficial, unilateral, tendencioso, raso ou superficial que se convencionou denominar jornalismo investigativo aquele que é praticado com mais profundidade. Isso é o que me move, o que me faz seguir (CABRINI, 2019, p. 298).

De acordo com Sequeira (2005), o jornalismo investigativo iniciou-se nos Estados Unidos, a partir de 1955 após a Segunda Guerra Mundial, mas foi no dia 18 de junho de 1972 que o formato investigativo se popularizou nas redações com o caso *Watergate*. Tudo começou com a publicação de uma reportagem política feita pelo diário *The Washington Post*, realizada por dois jornalistas até então pouco conhecidos, Carl Bernstein e Bob Woodward, que mais tarde dariam origem ao caso *Watergate*. O caso se inicia com a prisão de cinco pessoas na noite do dia 16 de junho de 1972. Os indivíduos foram presos por porte de material de espionagem e invasão da sede do Partido Democrata, no edifício Watergate, em Washington. Ao saber disso, Woodward e Bernstein decidiram investigar o fato, que estava sendo ignorado pelo restante da imprensa americana. A investigação fez com que os repórteres chegassem à Casa Branca e também ao coordenador de segurança do comitê para a reeleição do presidente Richard Nixon. Diante disso, a investigação dos jornalistas começou a ganhar credibilidade. Em agosto de 1974, dois anos depois, o presidente renunciou ao cargo sob ameaça de acusação pública (SEQUEIRA, 2005, p.11-12).

A pauta dos assuntos tratados pelo jornalismo investigativo não fica, porém, restrita aos temas políticos, estando presente em todas as editorias de um jornal: seu foco é apurar e divulgar informações sobre atos desviantes que

¹ “A investigação não é uma especialidade do ofício, visto que todo jornalismo tem que ser investigativo por definição...” (Tradução nossa).

afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade (AGUIAR, 2006, p. 74).

Sequeira ressalta ainda que “as investigações de Woodward e Bernstein transformaram o jornalismo, redefinindo a imagem do ofício do repórter e o fazer jornalístico não só nos Estados Unidos como também no Brasil” (SEQUEIRA, 2005, p. 12).

Em 1972, quando estourou o caso *Watergate* nos Estados Unidos, o Brasil, comandado pelo general Emilio Garrastazu Médici, vivia em plena ditadura militar e a imprensa sob censura prévia, instalada, em muitos casos, nas próprias redações. Só em 1974, quando o general Ernesto Geisel assume o poder, em substituição a Médici, tem início a abertura política no Brasil, que o então presidente definiu como lenta gradual e segura, tão lenta que a suspensão à censura prévia ao jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, só vai acontecer em janeiro de 1975 (SEQUEIRA, 2005, p. 12).

A ditadura militar no Brasil teve início em 1964, e foi responsável pela opressão aos direitos democráticos e também pelas fortes censuras. Os veículos de comunicação não podiam divulgar notícias que criticassem o governo da época. A partir de 1985, iniciou-se o período pós-ditadura militar, marcado pela reconstrução do jornalismo brasileiro. Nas décadas seguintes, o jornalismo investigativo foi aos poucos chegando até as redações brasileiras, especialmente a partir do início do século 21, quando vários programas de jornalismo investigativo começaram a ocupar as grades das emissoras de TV. O *Profissão Repórter* é um deles, e busca mostrar a realidade como ela é, abordando temas importantes e atuais.

3.1 Abraji

Criada por um grupo de jornalistas brasileiros interessados em trocar informações, experiências, aprofundar os conhecimentos e o uso de ferramentas na área do jornalismo investigativo, em dezembro de 2002 surgiu a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). O objetivo da associação organizada pelos próprios jornalistas é promover seminários, congressos e cursos. Nesse sentido, a Abraji trabalha para a formação e treinamento de jornalistas, além de defender a liberdade de expressão e o acesso a informação.

Outra das missões da Abraji é a defesa do direito de acesso a informações públicas. A associação foi uma das principais articuladoras do Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas, rede de 24 organizações cuja pressão foi fundamental para a redação e aprovação da Lei de Acesso a Informações em fins de 2011. Hoje, a Abraji trabalha em diferentes projetos para garantir que

organismos em diferentes níveis e esferas de poder cumpram a legislação (ABRAJI, 2021).

A Abraji já fez parceria com jornais, redes de TV, universidades e entidades sem fins lucrativos brasileiras e do exterior para desenvolver os programas de treinamento. Algumas redações já receberam os cursos da Abraji, como por exemplo: *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S.Paulo*, *Gazeta do Povo*, entre outras.

Em 2020, foi realizado pela 15ª vez o Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, evento consolidado no calendário de jornalistas e estudantes de jornalismo de todo o país. Por causa da pandemia do novo coronavírus, o evento foi totalmente virtual e bateu recorde de inscritos: mais de 10 mil pessoas (ABRAJI, 2021).

3.2 O programa Profissão Repórter: do início aos dias atuais

O *Profissão Repórter* é um programa telejornalístico exibido pela *Rede Globo*, que procura mostrar o processo de construção de uma notícia. Desenvolvido pelo jornalista Caco Barcelos, o programa surgiu de uma conversa com Marcelo Souto Maior quando ambos trabalhavam na *Rede Globo*, mas em programas diferentes. O *Profissão Repórter* conta com uma equipe de jovens jornalistas. Em 2006, o programa já tinha começado a nascer antes mesmo de ir ao ar, como um quadro no *Fantástico* e tinha um tempo médio de 12 minutos. Já no segundo semestre do ano seguinte, ganhou quatro edições especiais nas noites de quinta-feira, com 45 minutos de duração, em paralelo às edições levadas ao ar pela revista eletrônica.

O programa explicita as relações entre os repórteres e as fontes, além da hierarquização presente entre o experiente Caco Barcelos e o resto da equipe, jovens repórteres. Possibilita ao telespectador conhecer o processo de construção da notícia e os desafios encontrados pelos jornalistas, ao exibir momentos em que, por exemplo, são discutidos os temas das edições, Caco dá conselhos à equipe, entre outros (CARRARO; PROCÓPIO, 2014, p. 4).

No dia 3 de junho de 2008, o *Profissão Repórter* tornou-se um programa independente na grade de programação da *Rede Globo*. Já a partir de 6 de abril de 2016, completando dez anos no ar, o programa mudou seu dia de exibição. Das

terças-feiras após os seriados, passa a ser apresentado às quartas, após o futebol. Em sua primeira exibição no novo horário, alcançou 21 pontos de média. Em 10 de julho de 2008, alcançou seu melhor índice, de 22 pontos.

Até 16 de outubro de 2019, o *Profissão Repórter* visitou todos os estados do Brasil e 43 países ao redor do mundo. No episódio 400, foi apresentada a expedição mais longa do programa, onde os jornalistas Danielle Zampollo e Maycon Mota ficaram 25 dias na Amazônia para entrevistar índios do povo Korubo, uma tribo que vive isolada.

Em 2020, o programa passou a ficar fora do ar por causa da pandemia do novo coronavírus. Em 2021, a nova temporada do programa jornalístico foi ao ar no dia 23 de fevereiro, e voltou a ser exibido às terças-feiras, depois de seis anos. A pandemia fez com que o programa sofresse algumas modificações. Os repórteres tiveram que se adaptar às novas mudanças, mantendo o distanciamento social na hora das entrevistas, usando máscaras e além disso, para que o programa retornasse, foi criado um estúdio dentro da casa do jornalista Caco Barcelos, que por fazer parte do grupo de risco, não podia participar presencialmente das reportagens. Sendo assim, os repórteres se comunicavam com o jornalista remotamente, por chamada de vídeo, que era exibido através de um telão que ficava dentro da redação do programa.

4 ROTEIROS

No primeiro episódio, nós conversamos com o jornalista, João Carlos Borda. Ele tem em seu currículo mais de 20 anos de televisão, já atuou como apresentador pela *Rede Globo* e *RBS TV*, além de editor, repórter especial e jornalista investigativo. Em sua jornada profissional, já produziu reportagens para o *Jornal Nacional*, *Fantástico*, *Jornal Hoje*, *Bom Dia Brasil*, *Globo Rural* e *Globo Repórter*. Atualmente, Borda é repórter na *CNN Brasil* e também trabalha em seu novo projeto, o *Portal Borda*.

Perguntas que foram respondidas:

1. Em sua opinião, como se faz um bom jornalismo investigativo? E qual a importância desse gênero jornalístico?

Primeiro, para fazer o jornalismo investigativo, você tem que conhecer o tema, tem que pesquisar, buscar. E como se busca isso? Além de você ter uma base na literatura, ou seja, você ler a respeito, você tem que assistir reportagens sobre o assunto, tem que ler livros sobre isso e conversar com pessoas que entendem, que abram o seu olhar. Não especificamente sobre aquele tema que você está fazendo. Por exemplo, se você vai fazer o jornalismo investigativo sobre corrupção em prefeituras, você precisa pelo menos ter uma noção de direito administrativo, de saber o que é uma licitação, quais são as fraudes mais comuns, o que a lei prevê a respeito disso, sobre punição. Então, você tem que abrir o seu leque, não é uma receita de bolo que você aplica e no final está pronto, não, são passagens que cada matéria exige uma criatividade para ser investigada. O jornalista sempre tenta revelar o que nem sempre está tão claro assim. Mas eu penso que o jornalismo investigativo é resultado de um curso de procedimento, de uma busca mais profunda e incessante que testa a capacidade de persistência e a inteligência do jornalista para realizar. O jornalismo investigativo tem uma importância muito grande na sociedade porque são os olhos da sociedade, vigiando o poder. Então sem o jornalismo investigativo você não tem uma democracia complementando as falhas, você não tem a sociedade representada e ali contestando o poder.

2. Levando em consideração o seu tempo de carreira, atuando no jornalismo investigativo, qual é a parte mais difícil?

Existem algumas dificuldades para se exercer o jornalismo investigativo. Primeiro: o jornalista tem que ter vontade de fazer jornalismo investigativo. Mas eu acho que, além disso, outra dificuldade é o veículo para o qual ele trabalha, porque não adianta ele ter uma boa vontade, uma disposição, uma busca incessante, se ele trabalha para um veículo que não quer fazer jornalismo investigativo, que entende que jornalismo investigativo é problema. Eu já ouvi isso em muitas empresas: “Ah, não mexe com jornalismo investigativo que isso dá dor de cabeça”. Mas o jornalismo foi feito para dar dor de cabeça. Jornalismo é marretada na moleira. Então não dá para você bater com o martelo na sua cabeça e não querer ter dor, então não faça isso, não faça jornalismo. Mas alguns veículos de comunicação querem fazer um falso jornalismo investigativo, querem dar a impressão que fazem alguma coisa comprometida para com o seu público, mas na verdade, fazem ali apenas um exercício cosmético. É aquela história, passa uma base no rosto para tentar mostrar que é bonito, mas quando aquela base cai, a gente vê uma pessoa bem feia.

3. Conta para a gente sobre algumas reportagens marcantes que você já realizou, até porque, jornalista gosta de ouvir boas histórias.

Bom, eu já realizei várias reportagens de jornalismo investigativo, eu já andei por várias vezes nas fronteiras do Brasil mostrando que é pertinente da minha área de trabalho, que é tráfico de drogas, contrabando, assassinato, tráfico de armas, enfim, toda essa lista de licitude. E isso me levou para fazer várias matérias a respeito, matérias que foram para ar em rede nacional, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Nacional*, *Globo News*. Fiz também matérias voltadas para violência contra crianças, que exigiu de mim e da minha equipe um envolvimento muito grande. E aí eu volto a falar: não fui eu que fiz, eu fui a ponta da lança, de uma estrutura, de uma equipe, porque se eu achasse que sozinho poderia fazer, jamais teria feito. Eu simplesmente tenho a exposição no vídeo, mas por trás de mim sempre teve uma equipe muito habilidosa, muito competente para fazer jornalismo investigativo. Esse é o jornalismo investigativo, você se frustra, mas você não se derrete, você não se dissolve, você

não se acaba naquela frustração, pelo contrário a cada frustração eu me tornei talvez um pouco melhor.

4. Qual conselho você deixa para os jovens estudantes de jornalismo que pensam em seguir carreira no formato investigativo?

Hoje, faz falta o jornalismo investigativo, eu acho que o Brasil, por conta de toda essa briga política, perdeu um pouco do ritmo do jornalismo investigativo. Acho que o jornalista investigativo passou a ser alvo de muita perseguição, e ele sofreu um pouco dessas represálias pelas próprias empresas para as quais trabalha. Em resumo, o conselho para o jovem jornalista é que, se gostar mesmo de jornalismo investigativo mergulhe com tudo, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo tem excelentes cursos, lá dá para encontrar um suporte para começar. E eu diria que apesar do advento da internet, das redes sociais, o jornalismo investigativo vai sempre imperar, vai sempre ser a moeda de grande valor, por mais que a tecnologia entre na nossa profissão. Jornalista que é jornalista só vai ter peso no mercado de trabalho se ele tiver uma carreira construída com fontes, com gente especial de trabalhar.

O primeiro episódio do *Podinvestigar* está disponível no [canal](#) de radiojornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, no Spotify, neste [link](#).

Já no segundo episódio do *Podinvestigar*, nós conversamos com a equipe do *Profissão Repórter* da Rede Globo sobre a rotina de produção do programa e sua metodologia. Entrevistamos a chefe de reportagem, Márcia Gonçalves, e os repórteres Mayara Teixeira, Nathalia Tavolieri, Eliane Scardovelli e Guilherme Belarmino.

Perguntas que foram respondidas:

1. Como são feitas as reportagens do programa?

MÁRCIA: A gente não interfere na reportagem, é a história como tem que ser, é mostrado como as coisas se desenrolam. A gente acompanha muito, visita, marca várias gravações com aquela pessoa, coisas importantes que ela tem que fazer, volta para ver como tá aquele dia na vida dela. A matéria sempre é feita com alguns dias de gravação, nem sempre seguidos, às vezes demora um mês para fechar uma

história, as vezes demora meses como no caso dos doentes da pandemia, aí a gente projeta esse programa, fica programado para mais tarde, justamente para dar tempo. Quando tem um programa que você deixa a pessoa falar e você tem um repórter que faça perguntas e vai tocando o programa para frente com observações, com perguntas não muito óbvias, não precisa daqueles textos, off das matérias de jornalismo diário, o programa vai fluindo, as histórias vão se contando, as pessoas vão contando as histórias, e o repórter só vai ali ajudando a pessoa a contar sua história. As imagens contam a história também, sobre sons contam a história, é um trabalho assim, de ouvir muito e tentar tirar da pessoa aquilo que é meio roteiro de ficção.

2. Como os repórteres fazem para produzir as reportagens e ao mesmo tempo filmar o processo de produção delas?

MÁRCIA: O *Profissão Repórter* não tem muitos repórteres que antes eram experientes, aliás, essa é a ideia. São os repórteres que gravam, a maioria do programa é vídeo repórter, pegam a câmera, saem e muitas vezes sem cinegrafistas, eles sabem manejar o material, eles foram aprendendo, mexendo, alguém ajudando. Os cinegrafistas dão muitas dicas, mas são os repórteres que vão atrás das histórias, produzem, telefonam, conversam, mantém um vínculo, às vezes, com as histórias das pessoas que eles já gravaram, não precisa ser um repórter que tenha anos de experiência, mas que tenha curiosidade e eu noto um perfil de sensibilidade, de gostar do ser humano, de se interessar, de comentar.

3. Como é a rotina de produção do programa, e como funcionam as reuniões de pauta?

MÁRCIA: Uma vez por semana, geralmente às segundas-feiras, nos reunimos para falarmos um pouco dos programas que estão em andamento, como é que estão as matérias, se precisa de um complemento, uma atualizada. Depois, discutimos pautas novas, então os repórteres, editores, ou quem tiver uma nova ideia, traz a ideia, de preferência já com algum caminho, mesmo que não tenha o programa todo fechado ele já sugere o que seria uma reportagem para esse programa, alguma coisa que ele tenha pesquisado, que ele já apurou. Faz uma pesquisa antes, e a

equipe vai dando opinião, vai surgindo outras ideias e a Jana editora-chefe vai anotando tudo para depois ver o que vai virar programa, mas a reunião é aberta para que todos deem sugestão. A rotina na redação sem pandemia é assim, tem repórteres que estão na rua gravando, quem fica na redação são os editores de texto, eles fazem já a decupagem e a pré-edição em Ilhas que já estão instaladas na redação, e fazem copiões com os melhores trechos e sugestões de off daquela matéria que ele tá pegando. Normalmente, o programa é dividido em três histórias ou duas, e cada editor pega uma história, mas sempre tem um editor que vai fechar o programa inteiro, ele também pode assistir as três reportagens, fazer os primeiros cortes que geralmente são bem maiores do que os cortes que vão ao ar. E esse material depois vai para a ilha de edição final, aí a editora-chefe assiste, ele vai fazendo os cortes até chegar no tempo do programa que dá uns 37 minutos, aí vem todo o trabalho de finalização, apuração de notas, porque sempre precisa alguma informação extra, então o repórter vai atrás, eu ajudo como chefe de reportagem a buscar essas notas, respostas, marco entrevistas que são necessárias para o Caco fazer, porque hoje ele fazendo da casa dele, então, um conteúdo para fechar aquela matéria às vezes até o Caco que faz, ou o repórter.

4. Como o programa se adaptou às novas mudanças na pandemia?

MAYARA: Primeiro que, no ano passado o programa ficou fora do ar. Como o Caco faz parte do grupo de risco, ele não podia ir à redação, então, a gente ficou um ano fora do ar e isso foi um impacto muito grande na nossa redação. Para conseguir retomar com o *Profissão Repórter* durante a pandemia a gente criou um sistema, um estúdio dentro da casa do Caco, a gente se comunicava remotamente por uma chamada de vídeo e tínhamos um telão na nossa redação, então, a gente ficava sentados de frente para o telão. É como se a gente estivesse conversando com o Caco mesmo, tivemos que desenvolver toda essa tecnologia para que o programa pudesse voltar, e essa relação que a gente tem com o Caco é fundamental para que o programa exista.

5. Nathalia, você poderia relatar um pouco mais como é esse dia a dia de fazer uma reportagem durante a pandemia?

NATHALIA: A gente conseguiu encontrar uma nova fórmula, usando máscara, usando todos os EPIs, mantendo o distanciamento, isso pode parecer simples, mas para gente que sempre entrou na casa dos entrevistados, ficávamos horas, abraçávamos então, isso teve que parar, a gente teve que se reinventar nesse sentido, acho que é o nosso desafio ainda hoje. A gente tenta se aproximar das pessoas, mas agora de uma forma não tanto física, com distanciamento, mas tentar manter de alguma forma essa proximidade, essa conexão, que temos com as pessoas que a gente está entrevistando, com as histórias que a gente está contando. Por exemplo, teve uma matéria que eu fiz sobre autistas, como é que os autistas que frequentavam instituições estavam lidando com a pandemia, com o isolamento, ficar dentro de casa, sem sua rotina, sem suas atividades, poxa, grupo de risco, como é que a gente vai gravar? Gravei a matéria inteira pela janela das casas e funcionou, assim é o ideal? Não né, gostaria de estar junto, de entrar na casa, sentar no sofá e conversar, mas não deu, então, a gente está tentando, acho que como todos os jornalistas a gente está tentando se adaptar. Não é o ideal, a gente quer sempre estar mais perto das notícias, das pessoas, mas a gente está fazendo o possível, e acho que está dando certo.

6. Pensando na rotina normal do programa, qual a parte mais interessante do trabalho de vocês?

NATHALIA: Eu acho que a parte mais legal do *Profissão Repórter* é esse contato tão de perto e tão real com a realidade, sabe? Com o que a gente vê na rua, não é nada maquiado, não é nada ensaiado, é exatamente daquele jeito e isso eu acho que é tão legal para as pessoas que estão assistindo, para que o público perceba que isso é real. Eu acho que é importante para a pessoa que é entrevistada, porque, ela se sente de fato representada e vê sua história contada na TV de uma forma muito real, e para a gente que é repórter, é exatamente o que a gente vê, a gente está realmente reportando aquilo e o *Profissão Repórter* é um programa que dá esse espaço para gente.

7. Como é trabalhar com o jornalismo investigativo dentro do *Profissão Repórter*?

ELIANE: É gastar muita sola de sapato, no sentido de procurar muitas fontes, e isso dá trabalho, ter uma precisão em relação as informações, a gente checa, rechecka, porque existe uma responsabilidade muito grande em colocar a informação no ar, então acho que essas são as duas características principais.

8. Qual a importância de mostrar a construção da reportagem para o telespectador?

GUILHERME: Uma reportagem investigativa no *Profissão Repórter* traz muita veracidade, porque, ela mostra para as pessoas como o repórter chegou naquela descoberta ou aquela conclusão. Então, por exemplo, em uma das reportagens investigativas que acho que é um bom exemplo para citar, que eu desenvolvi aqui no *Profissão Repórter* junto com a equipe, foi a investigação sobre o assassinato de Osasco. Então, a gente descobriu ao acompanhar uma chacina que tinha acontecido no fim de semana, que essas mortes de inocentes tinham começado na semana anterior. O que trouxe muita veracidade para essa reportagem no meu ponto de vista foi mostrar o passo a passo de como a gente descobriu o que tinha acontecido. O *Profissão Repórter* é um mosaico da realidade. Acho que é por isso que quando a gente conversa com as pessoas, elas dizem, de maneira recorrente, que elas se sentem vivendo o que o repórter vive. E antes de trabalhar no *Profissão Repórter* eu não tinha ideia ainda de quão trabalhoso e de quanto a gente tem que estudar a narrativa para entender a importância desses elementos que montam história.

O segundo episódio do *Podinvestigar* está disponível no [canal](#) de radiojornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, no Spotify, neste [link](#).

No terceiro e último episódio nós conversamos novamente com a equipe do programa *Profissão Repórter*, Eliane Scardovelli, Mayara Teixeira, Nathalia Tavolieri e Guilherme Belarmino, mas dessa vez, queríamos saber as dificuldades que eles já enfrentaram e/ou enfrentam na produção do programa, as histórias que eles colecionam e os conselhos que eles têm para nós.

Perguntas que foram respondidas:

1. Eliane, você que está há 10 anos no programa e já tem uma grande experiência com o jornalismo investigativo, como você diferencia esse formato do jornalismo tradicional e quais as principais dificuldades?

ELIANE: Por jornalismo investigativo a gente entende um jornalismo que é mais de denúncia, mas ao mesmo tempo eu acho que esse conceito é um pouco elástico, no sentido de que todo jornalismo sério é um jornalismo investigativo. E eu não preciso nem falar da importância do jornalismo sério, principalmente nos dias de hoje, em que a gente enfrenta muita desinformação e fake news, ainda mais num conceito de pandemia em que a informação que a gente passa pode salvar vidas. Um dos principais obstáculos para quem está fazendo jornalismo hoje é a fake news, você competir com os grupos de WhatsApp que são muito acessíveis para qualquer um. O que a gente muitas vezes observa é que infelizmente esse fenômeno dos pós verdade é muito presente na nossa sociedade. Muita gente prefere acreditar em algo, mas não necessariamente isso vai ter relação com os fatos, então você escolhe no que você vai acreditar.

2. Mayara, em sua opinião, quais são os obstáculos? Tem alguma história que você gostaria de compartilhar com a gente? Natalia fique a vontade para dividir sua experiência também.

MAYARA: Um grande obstáculo é a quantidade de informação que hoje em dia a gente tem acesso, tudo é muito fácil de encontrar, mas ao mesmo tempo tudo é muito volumoso, e então, quando a gente vai atrás do perfil de alguém, por exemplo, vou atrás do dono da empresa de segurança que prestava serviço para o Carrefour quando o João Alberto foi assassinado, eu tenho uma enxurrada de informação disponível na internet eu preciso filtrar isso. Então, de alguma forma ficou mais fácil você encontrar as coisas, mas também ficou mais necessário que o jornalista tenha esse filtro, que ele seja esse filtro, que você veja toda aquela quantidade de informações disponível na internet sobre determinada pessoa e o que você filtra daquilo o que é importante para sua matéria. Como é que você checa se aquilo é verídico? Porque nem tudo que tá na internet que é verdadeiro. Eu acho que um dos obstáculos atuais é a grande quantidade de informações nem sempre verdadeiras que a gente tem na internet e cabe ao jornalista fazer uma boa apuração.

NATHALIA: Imagina, por exemplo, um tema, vou dar o exemplo da greve dos caminhoneiros, que aconteceu no Brasil inteiro, aquela confusão aquele caos. Todo dia os jornais estavam noticiando sobre a situação, o que estava acontecendo. E aí a gente pensou: poxa como a gente vai agregar algum valor? Como é que a gente vai poder trazer coisas diferentes informações diferentes para o público. A gente ficou lá, acompanhou todos os dias da manifestação, grudamos lá nos manifestantes, a gente fez parte do bloqueio, acompanhamos o bloqueio de perto. Acho que a gente conseguiu trazer muito de bastidor da manifestação, da greve e por ter tempo e por ter conseguido um acesso muito legal, conseguimos mostrar coisas que não foram mostradas ao longo da semana.

3. Foi muito importante mostrar os bastidores dessa cobertura, em um momento tão desesperador para todos os brasileiros. E por falar em reportagens marcantes, o *Profissão Repórter* ganhou o prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos pela matéria sobre a chacina de Osasco, que foi um programa feito em quatro dias acompanhando momentos tristes das famílias, velórios e enterros. Guilherme, você foi um dos repórteres que presenciou tudo de perto. Como foi contar essa história?

GUILHERME: Nesse caso, por exemplo, especificamente, da chacina de Osasco, a gente mostrou para as pessoas em tempo real essa reportagem, como a partir de uma investigação que era sobre um crime que aconteceu em certo momento, com certo número de vítimas, a gente começou a desconfiar desde o primeiro momento que esse crime poderia ter sido muito maior se ele tivesse deixado um número de vítimas maior. A gente mostrou esse passo a passo até conseguir concluir que de fato, sim, existiam muitos indícios de que a chacina de Osasco tinha deixado mais vítimas do que o que estava sendo divulgado naquele momento. O grande diferencial do *Profissão Repórter* quando a gente fala de jornalismo investigativo é poder explicar para as pessoas como é feita uma investigação jornalística desde o primeiro momento.

4. Para encerrar, quais conselhos vocês deixam para nós e para todos os futuros jornalistas que querem seguir a área investigativa?

ELIANE: Eu desejo muita garra, desejo que vocês criem também o próprio espaço de vocês, que vocês experimentem muito. Acho que a faculdade é um momento de experimentação, onde você pode tentar tudo sem muitas amarras, propor novos formatos. Mesmo que esteja com um celular na mão, ir atrás dos acontecimentos, registrar, de repente tentar fazer *freelas* num primeiro momento se você não conseguir uma vaga, mas é ir atrás. Se é o seu desejo, se esse é o seu sonho, se você acha que esse é o seu objetivo, seu propósito de vida, vá atrás e eu desejo muita sorte para vocês.

NATHALIA: Um conselho que eu daria para quem está estudando, para quem está na faculdade é que às vezes a gente acha que só consegue fazer uma grande reportagem ou só consegue fazer uma investigação se estiver em uma grande emissora, se estiver em um grande veículo. Às vezes, não é isso, a gente pode começar pelo começo, sabe? Se eu estou fazendo uma reportagem para o jornal da minha faculdade, vou fazer a melhor reportagem possível, eu vou atrás de um furo, eu vou juntar todas as pecinhas, vou pegar arquivos, eu vou comparar, sabe? Tentar trazer um material diferente, uma análise com uma investigação nesse sentido. Então eu acho que dá para fazer.

MAYARA: Eu acho que para ser jornalista é importante gostar da rua, gostar de ir a campo, gostar de falar com as pessoas, ser muito curioso, e ouvir de ouvidos bem abertos as histórias dos outros, sempre estar atento para ouvir todos os lados possíveis de uma história. A gente tem que ter um olhar crítico e conversar com todo mundo para que aí a gente possa fazer bem a nossa reportagem. Ser muito persistente. Não dá para ter preguiça, uma boa reportagem é feita em vários dias, passando várias horas ao lado do seu entrevistado. Para quem gosta do *Profissão Repórter* da maneira como a gente faz reportagem, a minha dica é: tenha muita paciência e persistência, acompanhem as fontes de vocês se quiserem fazer uma história, contar a história de alguém passando o dia inteiro na casa dessa pessoa.

GUILHERME: O meu principal conselho aos estudantes que estão entrando no jornalismo investigativo agora é: sempre tenha os fatos em primeiro lugar. Sempre pense nas pessoas afetadas por aquilo, mas sempre fique atento ao poder econômico, às tentativas de distração que o repórter tem ao longo de uma investigação. Sempre se preocupe genuinamente com as pessoas que precisam,

que são essas pessoas que mais precisam do jornalismo investigativo, que vão confiar e que vão dar os subsídios para que o seu trabalho seja sempre bem sucedido.

O terceiro episódio do *Podinvestigar* está disponível no [canal](#) de radiojornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, no Spotify, neste [link](#).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível entender que o jornalismo investigativo não precisa estar associado apenas a casos policiais, mas o formato pode estar presente em várias pautas com diversos temas, como é o caso *Profissão Repórter*, um programa que não produz somente matérias investigativas, mas cria grandes coberturas no Brasil e em outros países.

Como o formato investigativo sempre nos gerou grandes curiosidades, buscamos por meio de uma entrevista com o jornalista João Carlos Borda e com repórteres do programa *Profissão Repórter* entender quais são as dificuldades e desafios que um jornalista investigativo enfrenta, aprendemos que a essência do formato investigativo está na apuração rigorosa dos fatos, saber ouvir todos os lados é o primeiro passo para desenvolver uma grande matéria investigativa.

O primeiro passo para dar início ao trabalho foi pesquisar a respeito do jornalismo investigativo no Brasil, através de trabalhos acadêmicos e livros, além do programa *Profissão Repórter*. Já o nosso segundo passo, foi entrar em contato com a equipe do programa por meio do Instagram e e-mail.

Pelo Instagram, meu primeiro contato foi com os repórteres Natália Tavolieri e Guilherme Belarmino. Ambos me passaram seus números de WhatsApp para a realização das entrevistas. O mesmo foi feito com a repórter Eliane Scardovelli, mas a contatei por e-mail. Com isso, cada um dos entrevistados respondeu ao questionário por áudios a respeito do programa e do jornalismo investigativo. Além disso, convidamos para o primeiro episódio do podcast o jornalista João Carlos Borda, que nos concedeu entrevista também por intermédio do WhatsApp e falou a respeito do formato investigativo.

Com todas as entrevistas prontas e com os materiais editados, chegamos ao objetivo principal deste trabalho: a produção do *Podinvestigar*, um podcast de três episódios, onde foi possível entender como funciona a rotina de produção do programa *Profissão Repórter* e os maiores desafios do jornalismo investigativo.

Uma vez por semana, a equipe do programa se reunia para discutir sobre os programas que estão em andamento. Logo eles discutem a ideia de novas pautas, os repórteres e editores que tiverem uma ideia nova já trazem a ideia bem encaminhada para a reunião de pauta, e a partir disso cada um expõe sua opinião, e

assim vão surgindo novos pontos de vista. A editora chefe anota todas as ideias e escolhe o que vai virar programa.

O *Profissão Repórter* produz matérias no Brasil todo, mostra a história de pessoas que muitas vezes são esquecidas pela sociedade, que enfrentam lutas, problemas e desafios. Os repórteres não interferem na reportagem, as histórias vão se desenrolando de acordo com o que os “personagens” vivem.

Portanto, é possível destacar que o jornalismo investigativo tem um formato único, é a busca incessante pela verdade, mas não é tão fácil, dá trabalho e pode levar tempo, às vezes meses de investigações. Independente do gênero jornalístico, o compromisso dessa profissão é com a imparcialidade, responsabilidade e com o que é real. Além de vincularmos informações de interesse público, ainda podemos ter o privilégio de contar histórias de seres humanos que muitas vezes são invisíveis na sociedade. Com isso, chega-se à conclusão que o jornalismo investigativo é essencial para a sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 76-84, jul. 2006. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf. Acesso em: 03 jun. 2021.

ANJOS, Mariane Pereira dos. **Jornalismo no streaming**: uma análise do podcast o assunto. 2020. TCC (Graduação) – Curso de Graduação em Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.portalcomunicare.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Monografia-Mariane-Pereira.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Institucional**. 2018. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/institucional/#sobre-a-abraji>. Acesso em: 07 ago. 2021.

BARCELLOS, Caco. Memórias Globo. **Perfil completo de Caco Barcellos**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/caco-barcellos/perfil-completo/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

BRUCK, Mozahir Salomão; COSTA, Clara Isabel de Andrade. Podcast Serial: notas sobre acontecimento e processos de mediação. **Culturas Midiáticas**, Paraíba, v. 9, p. 282-297, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/32051/16598> Acesso em: 22 maio 2021.

CABRINI, Roberto. **No Rastro da Notícia**. São Paulo: Planeta, 2019.

CARRARO, Ingrid; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. A representação do jornalista no Programa Profissão Repórter. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 19., 2014, Vila Velha. **Anais XIX INTERCOM SUDESTE**. São Paulo: Intercom, 2014. p. 1-14. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1246-1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

ENTREVISTA Roberto Cabrini - parte 1. Produção de Heloísa Lupatini. 2019. (20 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j7KLE0txePA&ab_channel=TVFacoppOnline. Acesso em: 27 out. 2021.

FALCÃO, Bárbara Menezes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42, 2019, Belém. **Anais 42 INTERCOM**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 22 maio. 2021.

FERRAZ, Nivaldo; GAMBARO, Daniel. Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. **Novos Olhares**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 155-172, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/166393/161943> Acesso em: 15 maio 2021.

JAVORSKI, Elaine. **Radiojornalismo do analógico ao digital**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.


MEDEIROS, Macello Santos de. Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-11. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

OLIVEIRA Israel Dias de. **Jornalismo na Wikipédia**: uma definição de domínio público. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2017.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Alice dos Santos. Surgimento e evolução do podcast: apontamentos e reflexões sobre a mídia no Brasil. *In*: FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. (org.). **Consumo cultural e redes sociais**. Aracaju: Criação, 2018. cap. 5. p. 134-146.

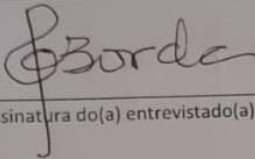
ANEXO A – Autorização entrevista João Carlos Borda



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, JOÃO CARLOS MONTENEGRO BORDA portador da Cédula de Identidade nº 54486-110-7, inscrito no CPF sob nº 521188541-09, residente a Rua ARNALDO VITALIANO, nº 1190, na cidade de RIBEIRO PRETO AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho DIÁRIO DO RPPR GOVERNISMO I presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 02 de Dezembro de 2021.


Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
R. Ramos de Azevedo, 423
Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARAPÉ
Rua Itarapé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Natália, 1376 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP


UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 221
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

www.baraodemaui.br

00 18 35 66

ANEXO B – Autorização entrevista Márcia Pereira Gonçalves



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Márcia Pereira Gonçalves, portador da Cédula de Identidade nº 8686417-8, inscrito no CPF sob nº 011574638-77, residente à Rua Barão de Saxequere, nº 1305, na cidade de A. Paulo - SP

AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho conclusão de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 25 de maio de 2021.

Márcia Pereira Gonçalves

ANEXO C – Autorização entrevista Mayara Silva das Neves Teixeira**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Mayara Silva das Neves Teixeira, portador da Cédula de Identidade nº 34 392 919-3, inscrito no CPF sob nº 365 945 428-18, residente à Rua João Elias Leada, nº 61, na cidade de João Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de conclusão de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 21 de maio de 2021.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Mayara Silva das Neves Teixeira'.

ANEXO D – Autorização entrevista Nathalia Tavolieri de Oliveira Prates

Eu, Nathalia Tavolieri de Oliveira Prates, portadora da
cédula de Identidade nº 35669328-4, inscrita no
CPF sob nº 337.639.458-06, residente à rua dr.
Jesuino de Azevedo, 416, na cidade de São Paulo, autorizo
o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem
finalidade comercial, apenas para fins acadêmicos.
A presente autorização é concedida a título gratuito,
abrangendo o uso da imagem acima mencionada
em todo território nacional e no exterior, em todas as
suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas:
(I) home page, (II) cartazes, (III) divulgação em geral.
Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro
que autorizo o uso acima descrito.



São Paulo, 31 de maio de 2021

ANEXO E – Autorização entrevista Eliane Scardovelli Pereira



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Eliane Scardovelli Pereira, portador da Cédula de Identidade nº 33.355.477-2, inscrito no CPF sob nº 346.337.108-18, residente à Rua Mucugan, nº 1193, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho TCC - podcast. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 21 de maio de 2021.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Eliane Scardovelli Pereira' followed by a stylized mark.

ANEXO F – Autorização entrevista Guilherme Belarmino**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, GUILHERME BELARMINO, portador da Cédula de Identidade nº 44124414-2, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua EMÍLIO CARLOS DE ANDRADE, nº 160, na cidade de SÃO PAULO, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho ICC - INGRESSO NO SERVIÇO INVESTIGATIVO. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 14 de MAIO de 2021.